

## **CORPOS LGBTQIA+ NO DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA DA CIDADE DE CRUZ ALTA-RS: REFLEXÕES SOBRE UM CAMPO DE DISPUTA E NEGOCIAÇÃO SIMBÓLICA**

LEANDRO ROSA DAL FORNO<sup>1</sup>; EDGAR AVILA GANDRA<sup>2</sup>; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: le.forno@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: edgargandra@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: thiago.amorim@ufpel.edu.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é fruto de debates e reflexões desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa Poéticas Populares na Contemporaneidade, vinculado ao Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Artes (UFPel/CNPq), com o objetivo de compreender o carnaval como um fenômeno socioespacial no qual os sujeitos, através dos mais diferentes corpos, têm a possibilidade de extravasar a vida cotidiana e potencializar diferentes formas de representação, e com isso, movimentar um jogo de disputa e negociação no campo simbólico.

E o desfile das escolas de samba, no carnaval da cidade de Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul, através dos corpos LGBTQIA+, tem provocado esse jogo que, possivelmente, produz e reivindica um espaço de ressignificação de gênero e das sexualidades, promovendo um processo de reconhecimento e pertencimento social desta comunidade.

Autores como Michel Foucault, Roberto Da Matta, Pierre Bourdieu, Richard Miskolci, Thiago Silva de Amorim Jesus e Silvio Matheus Alves Santos, deram embasamento para a compreensão dos principais conceitos teóricos e metodológicos proposto nesta discussão.

### **2. METODOLOGIA**

Para tal, a metodologia empreendida foi a “autoetnografia”, por entender que é um método que possibilita ao pesquisador, inserido no universo de análise, interpretar os fatores relacionais e sociais de forma crítica, a partir de suas impressões, experiências, vivências e memórias, a fim de responder os problemas da pesquisa sob o seu olhar.

Santos (2017) afirma que a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador, tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa e dos fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação.

Por isso, o presente trabalho permitiu que o pesquisador, enquanto sujeito social, ativamente participante do contexto pesquisado, pudesse fazer suas escolhas e direcionamentos investigativos no seu texto e nas análises do campo, a partir de suas impressões, experiências, vivências e memórias, a fim de responder os problemas da pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os corpos LGBTQIA+ sempre fizeram parte do universo carnavalesco, e nos últimos anos, tem ganhado mais visibilidade, ocupando espaços nunca imaginados, mais especificamente nos desfiles das escolas de samba, podendo expressar-se para além das regras da vida cotidiana, criando uma extraversão que permite que estes corpos possam transgredir/subverter a ordem compulsória de uma sociedade heteronormativa.

Miskolci (2009) entende que a heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural. “Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normatizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

E o carnaval, como nos explica Jesus (2013), surge como uma tentativa de escapar do tempo cotidiano, regular e controlado, proporcionando o escape das regulamentações que se veem atreladas a concepção de tempo, como uma extraversão do corpo.

O corpo do tempo carnavalesco não é, pois, o corpo do tempo regular, dada sua excepcionalidade, que faz com que o comportamento corporal possa se deslocar da gramática rígida de ações corporais que nos é imposta de cima para baixo pelo coletivo social. Ao tempo extraordinário do carnaval é permitida a configuração de uma versão de corpo para fora da versão ordinária, uma extraversão, que abre espaço para outras possibilidades de apresentação e comportamento gestual do corpo naquele dado contexto (espaço/tempo). (JESUS, 2013, p. 96-97).

Ao mesmo tempo que este corpo no “tempo carnavalesco” tem a possibilidade da extraversão, fora de uma versão rígida e ordinária, produzindo diferentes estéticas e narrativas, ele também reproduz um conjunto de práticas, comportamentos e ações que são determinadas pela ordem compulsória de uma sociedade heteronormativa, a serviço das instituições dominantes.

Michel Foucault (1997, p. 130), também considera que o corpo é um ambiente primordial das relações produtivas de poder ao dimensionar que ele é controlado e construído a partir das instituições sociais dominantes, consideradas por ele como núcleos fundamentais para o entendimento das próprias configurações do corpo e como o lugar onde os discursos se inscrevem.

Ou seja, o corpo no carnaval materializa-se, sob certa medida, como espelho da própria sociedade, tanto na continuidade quanto na descontinuidade, fazendo uma afirmação dos princípios e valores coletivamente instituídos pelas esferas sociais, ao mesmo tempo que também alimenta a criação de novos paradigmas e, com isso, decreta a importância ímpar que o corpo assume para o entendimento das diferentes sociedades.

Neste sentido, como nos define Da Matta (1997), o desfile carnavalesco “reúne um pouco de tudo, a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores, ele remete a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de desfile polissêmico” (DA MATTÀ, 1997, p. 59). E é neste lugar que os corpos LGBTQIA+ estarão sobre um campo

de disputa e negociação simbólica, numa relação paradoxal de negação e aceitação, conflito e alteridade.

Para Bourdieu (1989) esta disputa no campo simbólico está ligada a luta propriamente simbólica entre as “classes”, com a intenção de imporem a definição do seu mundo social, com o propósito de afirmar seus valores, intenções, hierarquia e poder.

O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção. (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Como exemplo desse microcosmos de luta simbólica de classe, apresenta-se o desfile da Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte, no carnaval da cidade de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul, no ano de 2023, quando traz corpos LGBTQIA+ à frente da bateria, lugar este de notoriedade e nunca ocupado por estes sujeitos. Abre-se aqui, a possibilidade de compreensão das dinâmicas produzidas por esse campo de disputa, e ao mesmo tempo de negociação simbólica em que, a escola de samba, o público e a própria sociedade local, aceitando ou não, refletia sobre a importância da representatividade de grupos invisibilizados, da relação entre identidade de gênero e sexualidades, sobre o reconhecimento e pertencimento social da comunidade LGBTQIA+, sobre a construção de uma sociedade plural e diversa e, principalmente, que o carnaval produz corpos para além da banalidade, para além de um contexto heteronormativo, que transforma relações e permite a emergência e a afirmação de estéticas corporais desafiadoras à norma social, moral e ética destes lugares.



Figura: Corpos LGBTQIA+ no desfile de carnaval da Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte, no ano de 2023 – A esquerda, Nicolle Moura, mulher trans, Musa de Bateria, e a direita, Leandro Dal Forno, homem gay, Padrinho de Bateria – Fonte: Arquivo Pessoal – Fotógrafo: Desfoquers.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carnaval, enquanto campo de análise, possibilita a compreensão das diferentes dinâmicas que são produzidas através das relações sociais, em especial, ao considerar a presença de corpos LGBTQIA+ no contexto dos desfiles das escolas de samba. Também abre um campo de discussão sobre os diferentes modos de disputa e negociação no campo simbólico, principalmente no que tange as questões sobre gênero e sexualidades, e o impacto disso na ressignificação de espaços, reconstrução de discursos, reconhecimento e valorização desta comunidade, em meio a uma sociedade, ainda, preconceituosa e LGBTQIA+fóbica.

Ao mesmo tempo, novas problematizações precisam ser aprofundadas, tendo como exemplo, o carnaval da cidade de Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul, como uma territorialidade de encenação de corpos fora da ordem compulsória de uma sociedade heteronormativa que, possivelmente, tem influenciado ações de lutas simbólicas, de pertencimento, de reconhecimento social e de exercício das sexualidades.

Neste contexto, o carnaval torna-se um espaço de múltiplos corpos, no qual presencia-se os modos marcantes dos quais a sociedade brasileira na contemporaneidade se desdobra, influenciando o carnaval e sendo influenciado por ele.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. / Roberto DaMatta. – 6<sup>a</sup> Ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Corpo, ritual, Pelotas e o Carnaval**: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2013. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/4610>. Acesso em: 22 Ago., 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de Ago., 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.24.1, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso: 22 de Ago., 2023.